

Rio de Janeiro, 29 de Março de 2009

À gloria do G.'.A.'.D.'.U.'.

Breves Anotações sobre a Câmara do Meio e a natureza do trabalho do companheiro.

Considerações preliminares,

Sap.'. e Ven.'. M.". , Demais luzes, Digníssimos of.'. e am.'. iir.'.

Como sabemos, a Maçonaria pretende, através de um simbolismo próprio, introduzir os Ilr.'. no conhecimento dos mist.'. com um propósito específico, de construir um novo mundo a partir de uma reconstrução do próprio indivíduo, que ao participar do conhecimento inerente a cada gr.'. , avança em direção ao inter.'. da ter.'. em um caminho de auto-conhecimento e retificação que, conduzido de maneira adequada, o levará à *occultum lapidem ou verdadeiro tesouro que se esconde no interior do homem.*

Na fórmula iniciática representada pela palavra "VIT.'.", há uma clara indicação da ancestralidade de nossa ordem, na medida em que nela está vivificada a filosofia alquímica, cujas raízes se aprofundam no tempo, corroborando com um início da arte real, bem anterior ao renascimento, período em que reputa-se, com erronia, ter se iniciado nossa arte.

A par dessas considerações, cumpre-nos examinar com maior detalhe, o escopo de nossa apresentação, qual seja, examinar alguns elementos do simbolismo de nosso grau, em especial das três ferramentas do companheiro maçom, bem como estabelecermos um paralelismo entre a psicologia moderna e a maçonaria, tendo em conta, em toda a apresentação, uma perspectiva da ascensão maçônica como uma representação do amadurecimento psicológico do homem.

Após termos aprendido trabalhar a p.". b.". da mentalidade profana, aplicando a for.". do maç.". guiada pela razão do cin.". e equilibradas pela inteligência da reg.". , de modo a que a p.". b.". que representa o neófito venha no futuro, já adequadamente polida, estar apta a se inserir no templo da humanidade, desempenhando seu papel de sustentáculo do grande edifício, fomos elevados a comp.". da arte real.

Nossas ferramentas de ação foram substituídas por ferramentas de prova e verificação. O pr." e o ní.".I usam como critério um valor absoluto: o perfeito vertical e o perfeito horizontal, enquanto o esquadro os relaciona.

No seu propósito educativo, estas ferramentas guardam, uma relação com atributos da ação do homem bom e justo que a maçonaria tenta construir. Assim, o perfeito horizontal corresponderia, no campo do atuar humano, ao ideal de justiça, enquanto o perfeito horizontal, ao ideal de misericórdia. O esquadro da verdade, a terceira ferramenta, como dito, definiria o relacionamento entre essas duas grandezas demandadas pelo grau de companheiro da arte.

A perfeita compreensão das ferramentas do companheiro, permite ao maçom, em sua empreitada em busca do tesouro interior, desenvolver este trabalho, no estágio em que se encontra, de modo satisfatório e que contribua de modo auspicioso na construção de uma moral compatível com a grande obra de edificação do templo interior e exterior.

Pedimos licença a essa Aug.". e Resp.". Loj.". , aqui bem representada por nosso S.". V.". M.". e aos diletos

ir.". para apresentarmos trecho da magnífica obra do ir.". Kirk McNulty, "Maçonaria, uma jornada por meio do ritual e do simbolismo", que assim pontua:

Ferramentas de trabalho, que vem em grupo de três, são usadas na aplicação prática da regra de três ao nível de cada grau. Em contraste às ferramentas de ação do aprendiz, as ferramentas de companheiro – o Esquadro, o Nível e a Régua de Prumo – são ferramentas de teste; e cada uma testa algum critério absoluto. É uma característica que as torna muito adequadas para representar padrões de moralidade – a principal preocupação do segundo grau. O nível mede o critério horizontal; e percebendo sua qualidade passiva e tranqüila, podemos associá-lo a função psicológica do julgamento. O uso de uma única palavra para descrever a função do Nível é obviamente uma simplificação adotada por conveniência; a ferramenta representa, na verdade, um conjunto de conceitos relacionados, tais como contenção, confinamento, rigor, disciplina, defesa, decisão e apoio. De maneira similar, a orientação vertical da régua de prumo, corresponde aos

conceitos de dar, perdoar, generosidade, dissipação, que podem ser resumidos na qualidade da "misericórdia". Pela natureza das idéias que associamos à cada ferramenta, podemos perceber que nada é ruim ou bom por si só. Cada uma é o que é; e uma vida governada pelo excesso de qualquer uma delas – disciplina exagerada ou licenciosidade extrema – produzirá, igualmente, sérias dificuldades. Na prática (resume o autor) o comportamento moral consiste em manter o apropriado equilíbrio entre o "Nível justo" e o "Prumo misericordioso"; e a capacidade do indivíduo manter esse equilíbrio conscientemente, está representado pela terceira ferramenta de trabalho, o Esquadro, que, de fato, define o relacionamento entre o nível e o prumo.

McNulty deixa claro que a questão moral diz respeito, diretamente, a atividade do companheiro maçom. ?Mas em que sentido se desenvolve esta questão?

Na concepção da ordem, no segundo grau, o maçom deve desenvolver a capacidade de libertar-se de constrangimentos psicológicos, impostos arbitrariamente pela sociedade e por sua educação, de modo a conduzir-se

pelos padrões morais restritivos que habitam sua própria alma. Esse processo é difícil e doloroso, na medida em que implica em examinar suas próprias memórias reprimidas, que por vezes ditam seu conteúdo moral presente e que aprisionam o indivíduo. Essas memórias permaneceram inconscientes ou adormecidas por longo tempo, ditando nosso comportamento moral, e agora, precisam se submeter ao crivo das ferramentas, serem aferidas, rejeitadas ou absorvidas de modo consciente e livre, conforme o escrutínio do companheiro maçom.

Como afirma McNulty, há sempre excelentes razões para que esse material, que precisa ser examinado, tenha permanecido inconsciente. Chamá-lo exige muita coragem pessoal. Para ele, ainda, é um processo ao qual a expressão "Trabalho Maçônico" pode, verdadeiramente ser aplicado, e, freqüentemente exige o apoio amoroso de um amigo próximo e confiável, e nesse sentido podemos entender o significado do companheirismo e do amor fraternal incentivado dentro da Maçonaria.

A construção livre de seus próprios padrões de moralidade conduz a libertação, e, como diria a grande poetisa Emily Dickson, "como é feliz o vôo de um pássaro liberto.

Contudo, o grau de companheiro demanda um pouco mais do indivíduo do que alcançar essa liberdade ou seu livre-arbítrio, a partir da assunção de seus próprios padrões

de moralidade que guiarão sua vida no mundo exterior e interior.

A imagem da pedra polida deve servir de referência para que os obreiros afirmem seus instrumentos nela. Assim, o companheiro, para atingir o livre-arbítrio, deve aferir o prumo, o nível e esquadro nela, que corresponde a dizer que espera-se que calibre seus padrões pessoais de moralidade em relação aos que a divindade lhe exige dentro de sua alma.

Por certo, um ser humano liberto poderá ignorar os critérios de moralidade representados pela pedra polida, se assim o escolher, acentua, ainda, o mestre McNulty, mas a ordem descreve as implicações desta opção quando trata ou se refere ao assunto de "salários".

Neste contexto, as experiências da vida são os salários que recebemos. A presença do mestre pagador na câmara do meio da alma indica que é dado a cada um o que merece, não como recompensa ou punição divinas, mas pela observância de alguns princípios que operam no nível da própria alma. Assim, na vida, a situação que nos encontramos é aquela que merecemos, O mestre pagador é justo. Os princípios que encontram-se inexoravelmente na vida são absolutos e podemos ter acesso a eles através das ferramentas que dispomos, aferindo-as com os padrões fornecidos pela pedra polida.

Neste conhecimento profundo e voltado ao interior de nós mesmos, amados ir.". , consiste o trabalho do companheiro e a força modificadora da maçonaria, a qual é bem representada pela alavanca e pela régua, cuja menção na terceira instrução de comp.". nos é retratada e que gostaria de relembrar aqui:

O Ven.". M.". indaga: "A que alude a alavanca, Ir.". 2º Vig.".? e o Ir.". 2º Vig.". responde: "Ao poder irresistível de uma vontade inflexível quando inteligentemente aplicada". Em seguida volta a indagar o Ven.". M.". : "Por que a régua deve juntar-se a alavanca?", e mais uma vez respondendo o 2º Vig.". : "Porque a vontade só é invencível quando posta ao serviço do direito absoluto."

Este, amados irmãos, pareceu-me ser o sentido e alcance dos instrumentos de trabalho com que, eu próprio, enfrentei meu estágio como companheiro da arte, apoiado que fui pelos irmãos desta e de outras lojas, e ao fim desse processo de que emergi, posso testemunhar a felicidade do verso da Emily que já citei, com outro verso que expõe quanta desta felicidade de ser livre pode conter nosso humano coração, quando escreve Fernando Pessoa, um grande iniciado, que seu coração livre, é um cofre que não pode mais fechar de cheio, ou como um pórtico partido para o mar impossível.

Vencido nosso primeiro estágio da exposição, passaremos a uma análise do simbolismo contido no Painel

de Companheiro, em especial alguns símbolos que fazem referência ao escopo do trabalho no grau de companheiro maçom que pretendemos afirmar nesta apresentação, e o faremos, iniciando pelo símbolo da espiga de trigo.

## Espiga de trigo

Para Castellani, o pé de trigo com suas espigas é símbolo do trabalho, porque o grau de companheiro é dedicado ao trabalho.

Lembra-nos, também, McNulty, que a espiga de trigo, no mundo antigo, era considerada fonte de sabedoria e iluminação, e estava presente em diversos rituais de iniciação.

Em nossa opinião, pode representar a abundância da colheita como resultado do trabalho desenvolvido pelo companheiro em sua ascensão moral.

Há um trecho da oração aos moços de Rui Barbosa, citada pelo Ir. Raimundo Rodrigues em sua obra "Cartilha do Companheiro", que parece ajustar-se como uma luva ao que tentamos retratar, a partir da análise das ferramentas do companheiro, o que vem a ser o trabalho exaltado no 2º grau e que se liga ao símbolo da espiga de trigo, eis o trecho:

“Oração e trabalho são os recursos mais poderosos da criação moral do homem. A oração é o íntimo subliminar-se da alma pelo contacto com Deus. O trabalho é o inteirar, o desenvolver, o apurar das energias do corpo e do espírito, mediante a acção contínua de cada um sobre si mesmo e sobre o mundo onde labutamos... O criador começa e a criatura acaba a criação de si própria.”

Verifica-se uma absoluta correlação entre essa perspectiva do Rui e a essência do trabalho do Companheiro: “acabar a criação de si própria”. Eis porque afirmou-se um pouco atrás, que as ferramentas do companheiro indicavam o trabalho passivo, de medição e descoberta interior.

O resultado deste trabalho é a realização do processo de amadurecimento que faz parte da ascensão mística, e, aí, a espiga representaria o coroamento, o desfrute deste processo. A espiga só desabrochará a partir do trabalho duro de cultivar, limpar, proteger de pragas, enfim do trabalho incansável do agricultor. Do mesmo modo, a ascensão moral necessária ao trabalho na câmara do meio, só será obtida pelo trabalho compenetrado do companheiro da arte.

Passaremos, agora, a examinar-mos outro símbolo de nosso painel, que diz respeito, diretamente, a nossa

percepção do trabalho e de sua dimensão interior a que se refere o 2º grau da arte.

## Estrela de cinco pontas

A estrela flamejante é outro símbolo de fundamental relevância no estágio de companheiro das artes e que reforça a natureza interior do trabalho do companheiro maçom, no plano da moralidade que aqui defendemos. Um sentido mágico para a estrela flamejante pode ser colhido na obra de Castellani, que citando Eliphas Levi assevera:

“O pentagrama é signo da onipotência e da autocracia intelectual. O signo do verbo feito carne e, segundo a direção de seus raios, este símbolo absoluto em magia representa o bem e o mal, a ordem ou a desordem, o cordeiro bendito de ormuz e de São João, ou o bode de Mendés. (...) Elevado no ar, com duas pontas para cima, representa satã, ou o bode da missa negra; com apenas um dos raios para cima, é o Salvador.”

Ainda Castellani afirma que, segundo ParaCelso: “esta seria o maior e o mais poderoso de todos os signos.”

O nome "estrela flamejante", também segundo Castellani, foi dado pela primeira vez por um teólogo e médico alemão, natural de Kholn chamado Cornélio Agrippa de Neteshein. Representa os atributos da alta espiritualidade humana.

A estrela de cinco pontas também é chamada de pentalfa, aludindo as cinco virtudes que ornamentam o companheiro maçom: amável, benéfico, incorruptível, casto e severo, palavras estas que em grego começam pela letra "alfa" (AGANETOS, AGELASOS, AGATHOERGOS, ADIAFITHORTOS E AGNOS).

O número cinco a que aludem suas pontas detém uma fundamentalidade no grau de companheiro e pode ser descrito pela gnose numérica ensinada na lição quinta, representaria a superação da matéria constituída pelo quaternário e se constutiria num objetivo do trabalho do companheiro.

O companheiro trabalha na progressão que vai do "4 ao 7". O quaternário representa a luta do aprendiz contra as forças da natureza, as quais deve subjugar com a força da energia que se encontra em sua personalidade e que é representada pelo maço. Quando vence, se torna companheiro ou iniciado definitivo. Conforme elucidado naquela lição, "O que triunfa neste momento, é o princípio da hominilidade; o homem propriamente dito domina o animal; cinco se impôs ao quatro; a

quintessência prevaleceu sobre o quaternário dos elementos”.

O que destacamos nesta vitória do trabalho no plano da psique é a elevação do plano do trabalho, que no aprendiz está em contato direto com o mundo exterior, enquanto, a partir da superação do quaternário, passaria ao plano da psique individual.

Conclusão:

Podemos concluir resumidamente, que, enquanto o aprendiz trabalha em contato direto com o mundo exterior, tendo, portanto, recebido os instrumentos adequados a esse trabalho: o maço, o cinzel e a régua, com os quais debastará a p."b.". que é sua própria natureza profana, o companheiro, vencendo este estágio, superando a quaternariedade, inicia o trabalho voltando-se inteiramente para sua evolução moral, e para isso conta com os apropriados instrumentos de aferição: o nível, o prumo e o esquadro.

Deve aferi-los em conformidade com os padrões de uma moralidade superior que reside nas profundezas de sua alma e que se constituem em "absolutos". Ao mesmo tempo deve examinar as causas das quais se constituem efeitos os seus padrões atuais de moralidade, rejeitando padrões impostos pela sua educação individual e pela

sociedade, tornando-se assim livre para aderir a esse padrão superior.

Em sua ação no mundo, que refletirá este padrão elevado, pela força do exemplo auxiliará na construção do templo exterior que é a humanidade e sentido externo do atuar maçônico.

Nesta atuação exterior, deverá conjugar com o auxílio do esquadro ou o refletindo como instrumento de relação, o perfeito equilíbrio entre expansão e contenção, justiça e misericórdia.

Eram estas as idéias que gostaria de submeter a apreciação dos amados iir.". nesta manhã, desculpando-me desde já pela ousadia de adentrar em tema de tamanha profundidade com meus poucos conhecimentos da ciência maçônica, ousadia que, diante de tão respeitável auditório, beira mesmo aos limites da insolência ou da presunção. Agradeço em especial ao Sap.". e Ven.". M.". , Marlanfe, pela paciência com que tem lidado com minhas incertezas no aprendizado dos mistérios, apoiando-me generosamente e dispondo-se sempre que requisitado ao esclarecimento de dúvidas e mais dúvidas que me assolam.

Agradeço, sobretudo, ao G.A.D.U., que em sua benevolência sem limites, concedeu-me a graça de conviver com os iir. Desta A. e R. L., convivência esta que só me tem engrandecido.